



II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

A OBRA DE ARTE COMO PROCESSO CIVILIZADOR NA PANA - AMAZÔNIA: NA PERSPECTIVA DE WALTER BENJAMIN, NORBERT ELIAS E MARTIN HEIDEGGER

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021

ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

SILVA; Francisco Pereira da¹

RESUMO

GT7. PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E PROCESSOS CIVILIZADORES NA PAN-AMAZÔNIA

Coordenador: Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos

Resumo: As artes visuais vêm sendo utilizada ao longo dos tempos como forma de mecanismo de controle a partir dos impulsos e das emoções dos seres humanos e como processo civilizador. Mesmo ainda na origem da magia, depois em função da religiosidade, até os dias atuais com obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, com o advento da tecnologia a arte tem retomado sua força com a massificação dos meios de comunicação e a utilização dos mesmos para a divulgação de produtos, serviços e marcas pela propaganda e publicidade, programa de televisão, filmes series e etc. Este estudo tem como objetivo aprofundar o estudo das relações que podem ser feitas entre a visão de Walter Benjamin, trata de situar as imagens e o saber visual como sendo um campo privilegiado de questionamentos sobre nossa história, apelos e gritos para tomar posição em nome do porvir de nosso planeta. Obra de arte no discurso de Norbert Elias, a partir de relatos e teorização sobre uma utopia secular que rodeava a obra de Watteau e as visões subjetivas de uma ilha galante, este trabalho toma como fio-guia o poder mimético da obra seja em meados do século XVII, seja na atualidade com a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica e sua relação com o processo civilizador nas sociedades da Pana - Amazônica.

Palavras-chave: Arte, *Civilizatório, Pana - Amazônia, Técnica, Percepção.*

Abstract: The visual arts have been used throughout the ages as form of control mechanism based on the impulses and emotions of human beings and as a civilizing process. Even at the origin of magic, afterwards due to religiosity, to the present day with work of art in the era of technical reproducibility, with the advent of technology, art has resumed its strength with the massification of the media and the use of them for the dissemination of products, services and brands by advertising and publicity, television programs, series films and so on. This study aims to deepen the study of the relations that can be made between Walter Benjamin's vision, it tries to situate

¹ Universidade Federal do Amazonas - UFAM, pereirafranciscisco1@gmail.com

images and visual knowledge as being a privileged field of questions about our history, appeals and cries to take a position on behalf of the coming from our planet. A work of art in the speech of Norbert Elias, based on reports and theorizing about a secular utopia surrounding Watteau's work and the subjective views of a gallant island, this work takes the mimetic power of the work as a guide in the middle of the century XVII century.

Keywords: Art, Civilizing, Pana - Amazon, Technique, Perception.

1 Introdução

O presente trabalho é fruto de um projeto que foi aprovado no curso de mestrado e busca demonstrar como arte pode ser uma forma de mecanismo de controle a partir dos impulsos das emoções dos povos na pana - Amazônia, por meio da obra de arte na era reprodutibilidade técnica baseada em Walter Benjamin e Norbert Elias e Martin Heidegger neste caso, faz-se uma análise como a arte pode possibilitar um processo civilizador na sociedade pana - Amazônica.

O estudo busca através das artes visuais na perspectiva de Norbert Elias, Walter Benjamin e Martin Heidegger um olhar preciso aos detalhes das informações visuais, que assim como a pintura de Watteau levou alguns outsiders a criarem expectativas de uma ilha galante, a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica é bem mais efetiva, pois as imagéticas estão mais presentes na vida das pessoas (televisão, internet, cinema), como divulgadores miméticos e Heidegger, como através da obra, poderemos aperceber-nos do outro lado das coisas. Por isso é importante fortalecer e aguçar nossa análise visual, dando possibilidade para as pessoas refletirem e agirem criticamente sobre as informações visuais no seu meio circundante.

Com o surgimento de novas tecnologias, as artes visuais deixaram de ser estáticas e começaram a ter uma maior interação com as pessoas, através da televisão, da internet e do próprio cinema, ou seja, entender o ato de ver e perceber leva tempo, tempo que não está sendo dado, pois essa visão etérea das coisas criadas com o auxílio de materiais bem mais sofisticados do que um pincel de pelos e uma tela de tecido, não são somente para suprir as necessidades do dia a dia do ser humano como forma de entretenimento, ou lazer, mas também como forma de persuadir e alienar a sociedade.

Esse poder persuasivo por meio da comunicação visual vem desde os primórdios da civilização quando o homem "xamã" sacrificava um animal para seu ritual como forma de conseguir algo em troca (ser sobrenatural) e também como forma de excitação de seu observador, excitação que hoje são advindas das observações de um universo muito diferente do "xamã" que aos poucos está perdendo seu lugar para uma produção que pode atingir mais pessoas e em menos pouco tempo e isso em questões de segundo. A arte era e é um meio que o ser humano encontrou para materializar sua imaginação advindas de suas observações sobre a natureza por muitas vezes alienante aos olhos dos que buscam somente por uma excitação.

Essa alienação por meio da arte não perdeu seu lugar no mundo contemporâneo, pois percebe-se claramente a falta de conceitos críticos com relação a informações visuais, o aumento dessa estética alienante que se configurou-se no mundo atual. Para Benjamin (2012) "O que parece fascinar o homem "moderno" neste mito é a ilusão narcisista do controle total. (p.177).

Em meio à contemporaneidade dos dias de hoje, o domínio das tecnologias e sua aplicabilidade através das artes visuais proporciona uma interação em massa por meio da televisão, do cinema e da internet. Não descartando que as produções que são criadas e transmitidas carregam um certo

sensacionalismo, não podemos descartar que também podem ser positivos quando se observa de forma detalhada e aguçada isso nos proporciona uma melhor compreensão sobre os povos que por aqui chegam, compreensão de nossa própria realidade e até mesmo a importância da Pana - Amazônia para o mundo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica: uma forma de mecanismo de controle a partir dos impulsos e das emoções na pana - Amazônia

Iniciaremos nossa abordagem fazendo uma reflexão sobre os mecanismos de controle social, que por sua vez depende da experiência adquirida em sociedade, ou seja, que se desenvolve porque somos seres capazes de transformar nosso entorno a partir de nossas experiências advindas de nossas observações.

O povo que faz parte da Pana - Amazônia vem passando por um problema de imigrantes que fogem de problemas políticos e de cidadania de seus países que precisa ser encarado com muito respeito, sem falar que além dos problemas existentes têm os preexistentes que é o diálogo com os países vizinhos, numa perspectiva Pana-Amazônica, “além do controle dos ilícitos transfronteiriços, que incluem uma série de atividades ilegais que vão desde o tráfico de drogas ao contrabando e descaminho de diversos tipos de produtos”. (FILHO, 2013)

O diálogo entre as imagéticas através de dispositivos (televisão, celular e computador) e arte de hoje, através de sua vasta materialidade, tem a função de estimular o pensamento humano, de fazer pensar, é um grito por liberdade que acompanha a era da reprodutibilidade técnica da obra de arte, ou seja, também funciona como processo civilizacional, por meio das emoções.

A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica e sua funcionalidade como mecanismo de controle por meio das emoções na sociedade pana-amazônica culmina com um processo civilizador, não podemos nos esquecer da conquista da Amazônia em 1616 e da própria ocupação portuguesa.

Segundo MATOS, (2020)

Na relação com outro, *em sua autoimagem*, que os europeus na expansão, na conquista e exploração das terras, deram-se conta, com maior precisão e abrangência, do significado da palavra *civilite*. As palavras civilizados designados para os colonizadores e incivilizados para os colonizados foram potencializadas no sentido de *atribuírem uma grande função ou tarefa* dos primeiros sobre os segundos.

No percurso desse encontro, estrategicamente, a língua dos povos autóctones foi assimilada, possibilitando ao colonizador compreender seus costumes, seu hábito alimentar, o conhecimento do ambiente e sua organização social, impondo gradativamente novas regras. (p. 483)

É claro que isso só foi possível, pois os colonizadores já tinham experiências e tecnologias suficientes para lidar com “sociedade incivilizadas” sem falar no visual que começava das roupas até objetos mais simples dos civilizados, ou seja, criações artísticas de alfaiates, artesãos e desenhistas que faziam parte dessas grandes caravelas.

Nos dias atuais essas criações artísticas são expressas simbolicamente e compartilhada em massa para diversas sociedades, pois com o advento da tecnologia a produção técnica da obra de arte, ganhou muito mais espectador, um espectador emancipado livre de tudo, possibilitando o surgimento novos meios para o mecanismo de controle e do processo civilizador no amalgama da pana - Amazônica.

A atual sociedade da pana - Amazônica desenvolve uma visão do mundo que tem como suporte as imagéticas, imagética que podem ser cambiadas ao mesmo tempo com o mundo todo, que deixam as pessoas etéreas ao vislumbra-las, essas produções em muitos casos deixam alguns indivíduos tão fascinados que criam utopicamente sua realidade. No entanto, essa realidade utópica necessita de uma certa afinação da inteligência visual, pois esse conjunto impresso imageticamente pode ser um suporte para o próprio indivíduo viver criar um mundo subjetivo, diferente de sua realidade o que Walter Benjamin chama de “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, numa

combinação cinematográfica, no entanto, não imaginava ele o que a internet proporcionaria mais ainda. Para Barrett, (2014 p.36) “a arte não precisa ser bonita; ela não tem que se esforçar para encher os olhos com uma variedade de sensações equivalentes ao que o mundo real lhe deu”. Somos sabedores que as obras de artes que são mais antigas, tiveram sua origem em rituais mágicos e religiosos.

A arte está na essência da cognição humana, na origem da percepção do homem sobre a natureza e de criar novas possibilidades de transformação e criação.

Segundo (BENJAMIN, 2019) afirma que:

(...) a reprodutibilidade técnica da obra de arte emancipa-a pela primeira vez na história mundial de sua existência parasitária em relação ao ritual. A obra de arte reproduzida torna-se, progressivamente, a reprodução de uma obra de arte destinada à reprodutibilidade. * Por exemplo é possível uma multiplicidade de revelações a partir de uma chapa fotográfica; a pergunta pela revelação autêntica não faz sentido. No momento, porém, em que o critério da autenticidade fracassa na produção artística, a totalidade da função social da arte é transformada. No lugar de sua fundação sobre o ritual, esta deve duandar-se em outra práxis, a saber: a política. (p. 61)

Para um diálogo mais amplo sobre a arte e como ela vem sendo utilizada como mecanismo de controle através dos impulsos e das emoções, precisamos entender que a arte está sendo produzida com auxílio de aparatos totalmente tecnológico.

O ser humano é um ser social e tem relações com outras pessoas, desta forma, ELIAS demonstra que para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação do termo sociedade, no entanto, não somente a reorientação do termo sociedade, mas também uma reorientação do significado da palavra arte e como mudou o contexto e o modo de criar uma obra arte, precisamos, reorientar como é importante está com a percepção aguçada. Temos que diluir a ideia de que tanto a sociedade quanto a arte as mesmas são compostas por estruturas que nos são exteriores -na qual os indivíduos estão “rodeados” -, e avançarmos para o conceito de teias de interdependências ou configurações, que no limite, nos encaminha para uma visão mais realista das disposições e inclinações das pessoas em suas variadas maneiras das pessoas em suas variadas maneira de relação.

Com o avanço tecnológico as produções cinematográficas, televisas e na internet produzem imagens tanto imagens estática quanto não estática, essas imagens são criada a partir de dispositivos tecnológicos e que assim como a obra “ A peregrinação de Wateau a ilha do amor” possibilitou a diversas pessoas criarem utopias subjetivas de uma realidade que eles não conheciam apenas objetivavam a partir de seu pensamento subjetivo. Estes indivíduos, estas pessoas de nossa atualidade constituem teias de interdependências ou configurações de muitos tipos, tais como família, escolas, cidades, estratos sociais ou estados e principalmente com uma interdisciplinaridade a partir de produções visuais que adentram as casas do povo da Pana - Amazônia.

Produções artísticas que são bem planejada e bem elaboras para que o obsevedor mesmo distante possa de forma intersubjetiva se relacionar com a ficção, mas essa relação tem a necessidade de que o observador tenha pelo menos um requisito que é sua cognição aguçada, para que sua realidade não seja afetada.

2.2 A peregrinação de Watteau a ilha do amor: uma comparação com a obra de arte de hoje

Elias no Livro A Peregrinação de Watteau a Ilha do amor destaca como a obra de arte é percebida, e como seu público criou utopias referente a ilha de Citera, mas que no início do século XIX começou-se a entender a dura realidade que foram cercadas de utopias a referida obra.

Esse poder mimético da obra de Watteau que cercou de utopias muitos observadores, assim como a arte de hoje também cerca o homem amazônico da atualidade de utopia, a partir de imagens observadas na internet, na televisão, no cinema, em outdoors criadas com o auxílio de materiais tecnológicos, tudo isso tem um poder sobre os sentidos, pois é mais excitante que sua própria realidade. Excitação que possibilita o controle por meio das emoções, as imagéticas (estáticas ou

não estáticas) podem se tornar um grande e enigmático problema para a sociedade atual.

Uma casta de outsiders que conseqüentemente viveram uma experiência a partir da obra de arte, criaram conceitualmente sua experiência subjetiva com base na representação da obra de Watteau, imaginando uma ilha galante agindo por impulso de suas emoções deixando de lado a razão, conceituação e a própria materialização de sua alegoria dialética levando ao espectador criar impressões subjetivas e criar utópicas de sua realidade.

Vemos como a pintura Watteau teve o poder de transformar o imaginário subjetivo dos outsiders em meados do século XVIII e início do século XIX, a arte em sua plenitude desde os primórdios tem o poder de fazer o ser humano refletir sobre o desconhecido e criar vários conceitos a respeito do que do que ele ver e o que não ver que posteriormente torna-se representativo e real.

Segundo Elias (2005) a respeito do fato de Nerval ter ido pessoalmente a ilha Citera, descreve que:

Lá encontrou, no entanto, uma ilha árida e odiosa que então, sob domínio britânico, chamava-se Cérigo. O que tinha diante de si eram rochas nuas e, como sinal da crueldade humana, uma força de três braços. De um desses braços pendia um corpo. "Foi", escreveu, "no solo de Citera que vi pela primeira vez um enforcado." (p.45)

Ver e perceber de forma clara e detalhadamente é educar os sentidos e sempre que possível fazer uma reflexão sobre o que se ver.

Isso é importantíssimo na sociedade de hoje, tomemos com exemplo o que foi dito a cima sobre a obra de arte de Watteau narrado por Elias a partir de uma pintura e como ela influenciou uma determinada casta de outsiders. Nesse período as produções artísticas tinham seus limites para como a obra de arte chegaria ao espectador, pois ainda se tinha uma certa limitação para o uso de certas materialidades, ou seja, as produções artísticas se limitavam – em pinturas, narrativas, esculturas, gravuras, retábulos estabelecidos e fixos. E agora imaginemos como a arte está presente em nossos dias atuais, como as imagens fazem parte de nossas vidas e como a arte nos evolve de certa maneira até mais persuasiva.

Segundo Norbert Elias (1995)

“Na fase da arte artesanal, o padrão de gosto do patrono prevalecia, como base para a criação, como base para criação artística, sobre a fantasia pessoal de cada artista. A imaginação individual era canalizada, estritamente, de acordo com o gosto da classe dos patronos” (p. 47).

Hoje não há limite para a criação de obras de artes que envolvam o uso e o auxílio das tecnologias. *A busca da excitação* é a obra em que Elias se dedica à compreensão de atividades miméticas, que hoje tem uma ligação tão grande com arte, ocupam um lugar de destaque nas sociedades complexas e de que forma a ênfase em atividades desse gênero vai denotar características específicas da estrutura de personalidade dessas sociedades avançadas.

Norbert Elias em “*Mozart a sociologia de um gênio*”, nos confirma como arte era feita nesse período e como pode servir para uma reflexão da sociedade Amazônica e como ela está sendo desenvolvida e como essa hegemonização se beneficia da arte transformando os códigos simbólico de conduta e por consequência, a estrutura de sensibilidade que distingue determinado processo civilizador a na vida do homem amazônico como espectador de uma arte na era da reprodutibilidade técnica agindo por sua vez com um certo mecanismo de controle na sociedade que faz parte da Pana - Amazônia.

Segundo Elias (1992)

Numa sociedade em que as inclinações para as excitações sérias e tipo ameaçador diminuíram, a função compensadora da excitação-jogo aumentou. Com o auxílio deste tipo de excitação, a esfera mimética oferece uma vez mais a oportunidade, por assim dizer, de um novo ‘desanuviar’ no seio da sociedade, que, pelo contrário na vida social comum possui um conteúdo uniforme. (p.113)

Todos mecanismos de controle têm sua origem nas expressões simbólicas seja o visual, seja as palavras, são centradas de dominação e poder, que hoje tem a possibilidade de e muito além das fronteiras, que por muito tempo impediu os estabelecido (indígenas) de entrar em contato com os

outsiders (a cultura dominante), no entanto, o povo da Pana-Amazônia carrega um estereótipo de viver ainda como algumas civilizações indígenas que nunca tiveram contato com a cultura dominante, ou seja, os outsiders se tornaram os estabelecidos e vice versa.

segundo ELIAZ, (1987 - 1990) afirma que:

O conceito de "civilização" refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes. Pode só referir ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, a forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma "civilizada" ou incivilizada". Daí ser sempre difícil resumir em algumas palavras tudo a que se pode descrever como incivilizado. (p. 23)

Mas, antes de adentrarmos a ideia de que arte pode ser uma forma de mecanismos de controle social e controle dos impulsos e das emoções e como esse mecanismo controle pode possibilitar um processo civilizador nos indivíduos que habitam Pana - Amazônia.

Elias também vai dizer que, as sociedades mais desenvolvidas quando adentram em sociedades mais antigas tentam impor seu processo "civilizador" ou incivilizado. O trabalho aqui escrito tem como prioridades destacar os estudos epistêmicos de Norbert Elias e como seus estudos se relacionam com o atual contexto da social e cultural na Pana - Amazônia, mas antes não podemos deixar de destacar que processo civilizador teve início com frequência com a chegada e ocupação lusitana na Amazônia no início do século XVII. [SANTOS, 2009, P. 38 apud Matos, 2020, p. 481]

Essa ocupação deu início a um choque de culturas, ou seja, a cultura com maior poder simbólico impera seu conceito civilizatório. Poder simbólico que Bourdieu (1989) "denominou de poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem".

Esse poder simbólico se desenvolve através da linguagem, segundo BERGER e LUCKMANN, (2004)

A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo. A religião, a filosofia, a arte e a ciência são os sistemas de símbolos historicamente mais importantes deste gênero. (p. 61)

A arte e seu poder lúdico-mimético na contemporaneidade funciona como mecanismos de controle da sociedade na sociedade Amazônica e como as expressões simbólicas na era da reprodutibilidade técnica exige que o indivíduo na Amazônia valorize e tenha um olhar mais aguçado das informações visuais, pois a não valorização pode possibilitar um relaxamento perante os problemas socioculturais que por sua vez estão estereotipados em propagandas televisivas, em outdoors e principalmente na internet.

Com o avanço tecnológico a arte ganhou novas materialidades principalmente as artes visuais ficando mais evidente a heterogeneidade como outras linguagens artística.

2.3 A importância do conhecimento artístico na atualidade

É bem sabido que o conhecimento artístico surge com a necessidade de o ser humano compreender o mundo que o cerca, mesmo que não tenha evidências científicas, mas apenas a investigação científica pode verificar a verdade.

O mundo da arte é subjetivo, cognitivo, concreto e vivo e pode ser observado, compreendido e apreciado. Por meio da experiência artística, o ser humano desenvolve sua imaginação e criação aprendendo a conviver com seus semelhantes, respeitando as diferenças e sabendo modificar sua realidade. A arte dá e encontra forma e sentido como instrumento de vida na busca de compreender quem somos, onde estamos e o que fazemos no mundo.

Segundo Gentiletti (2017) "A imaginação potencializa a sua capacidade criativa quando possui uma maior diversidade de" modelos "que exemplificam e estimulam a infinita aptidão

combinatória da mente humana". (p. 55)

Sengundo Candelero (2016):

A obra: criação que se dá, algo que não tem finalidade externa. O trabalho é o que é; e o que é, é o que tem. Assim, a beleza - que a obra às vezes consegue ter - não é mais uma força fenomenal independente de substratos (coisas) e livre dos homens (ou seja, aparecer e afetar um e outro 'ao acaso'), como na Grécia. A beleza é agora um 'efeito', um 'reflexo', uma 'representação' --sem causa, não origem--, que reside e perdura na obra de arte - ainda mais do que na Natureza- -, e que com o tempo - a nossa -, chegará até a 'medir' e 'consistir' na única força de afeto ao homem receptor. (Hoje a beleza é apenas e dificilmente um 'afeto subjetivo' - um 'ponto de vista' sensorial e individual.) (P. 08)

Este conhecimento e compreensão do mundo envolvente pela obra é ainda mais necessário na contemporaneidade, pois a obra de arte e sua origem de certa forma suscitam questões no pensamento humano, mas se a obra não tivesse uma finalidade externa qual seria ser? Arte? De acordo com Ferry (citada por Febre, 2011)

"Esse comovente discurso de Ricoeur se refere, em primeiro lugar, à ambigüidade da ideia de trabalho. Trabalho é o que se faz, o que se cria e, ao mesmo tempo, o que se faz na vida e, portanto, o que é. Mas, podemos pensar da mesma forma, ou seja, com as mesmas categorias, o que se faz? Da mesma forma, temos critérios que fazem com que uma vida se qualifique ou não como um trabalho: o que é uma vida de sucesso e que tipo de sucesso requer a ideia de trabalho. (p. 348)

A obra de arte está intrinsecamente ligada à subjetividade de seu criador que, além do sentimento estético que sua criação perdura, também persistirá no observador, mesmo que não seja o sentimento que persiste na visão do criador (artista) Da mesma forma, a nossa vida é como se fosse uma obra de arte constantemente observada num contexto que implica a própria valorização de uma obra de arte.

O fato é que hoje na sociedade de hoje é necessário um maior entendimento da obra de arte, e não apenas de como a arte era vista e admirada por sua áurea. O contexto histórico da Arte Moderna rompeu com a forma como a arte era feita na Europa, lutou pela liberdade de expressão e o fez transformando a forma como a arte podia ser feita e como as suas obras eram compreendidas.

Portanto, a obra de arte permite uma reorganização no contexto da arte e da questão intrínseca da estética com valores não estéticos (fruição e poética) da arte no ambiente envolvente, a arte tornou-se muito maior, a sua representatividade no mundo de hoje, porque a beleza da "arte pela arte" estava muito além da compreensão da beleza do observador pelo observador, mas também uma compreensão do mundo ao nosso redor.

Contemplando a natureza, o artista emociona-se com a vida e tenta, por meio da arte, expressar suas manifestações. Em sua busca constante pela perfeição, o artista grego cria uma arte de elaboração intelectual na qual predomina o ritmo, o equilíbrio e a harmonia ideal. Tudo isso acarreta consequências fundamentais na história da arte que determinam a sobrevivência de muitos conceitos.

Conceitos pelos quais Platão "julga a arte como imitação, capaz de enganar, visto que a realidade sensível já é uma imitação do inteligível", nesse sentido, diz-se que a experiência artística se baseia em situações que têm uma verossimilhança, não com acontecimentos ou atos reais, mas também com aqueles que são possíveis de acontecer, ou seja, que estão no poder.

O esforço para explicar a arte por meio de conceitos é a busca de algo que nos permita ter uma felicidade subjetiva, que se deu a partir da compreensão e conclusão de um conceito que antes de ser formulado em nosso inconsciente de forma abstrata, que por sua vez pode ter se originado intuitivamente e não de forma sensível. Além disso, da própria experiência intuitiva, algo sensível e palpável e possivelmente projeções científicas podem surgir.

Segundo Candlestick (2014) afirma:

A abordagem heideggeriana poderia ser apresentada desta forma ... O ser útil do instrumento

consiste em sua utilidade, mas mesmo essa utilidade repousa em uma 'essência' mais primária: a segurança. Tal tese é encontrada em "A Origem da Obra de Arte" e, dentro deste livreto, em sua abordagem hermenêutica dos 'sapatos de camponês' de Van Gogh. Heidegger insiste que não é a ferramenta que oferece a chave para acessar e compreender a obra de arte, mas sim ocorre o contrário: é a obra que esclarece e detalha o modo de ser próprio da ferramenta - a obra de arte revela o ser das entidades - entre elas, as úteis, ou as úteis. (p. 02).

O depoimento de Heidegger nos fornece uma reflexão mais complexa sobre o conhecimento artístico, ou seja, nos faz refletir sobre como o conhecimento da arte artística vem antes do científico, porém, para que isso aconteça é necessária uma observação mais atenta das coisas. Percepção e a própria inteligência visual.

Quando olhamos para uma cadeira, por exemplo, a maioria das pessoas a vê como algo utilitário de seu ambiente circundante, não imagine que por trás dessa cadeira o objeto anterior era um conceito na essência do pensamento de alguém que viu antes. Sua realização não apenas a sua utilidade, mas antes um sentimento intrinsecamente coberto por uma conquista que se tornaria útil, mas útil que antes de ser útil para alguém se tornou útil em sua essência, na imagem mental que depois se tornaria algo concreto.

O ato de ver deve ser compreendido e percebido e a arte é uma forma de compreender o que vemos e ter uma ideia melhor do mundo que nos rodeia. Segundo Dondis, (2007) "a experiência visual humana é fundamental na aprendizagem para que possamos compreender o ambiente e reagir a ele; a informação visual é a mais antiga da história da humanidade" (p. 6). Para Herman, (2017), "a arte nos oferece inúmeras oportunidades de analisar situações complexas, bem como as mais simples" (p.33).

É muito importante estarmos atentos ao mundo rodeado por nossos sentidos que de alguma forma são atraídos por imagens simples, mas o processo para o qual essas sensações são despertadas é que contribui com o grau de complexidade. afirma que: (Türcke, 2010)

(...) "Aquele que chama a atenção" é sinônimo de sensação, e sua percepção tout court ... O caso extremo da sensação começa a se aproximar da normalidade; que não atrai a atenção não é perceptível. E o sentimento se torna uma insanidade vital. É essencial rir de si mesmo e conseguir o que deseja sentir "lá" para ganhar a vida no sentido literal e figurado. (p. 77)

Na cronologia histórica, as formas das imagens de transferência de informação permaneceram um legado muito promissor onde o homem registrou seus maiores medos e desejos. Debray (como cito Portanova, Angeli, & Fantinel, 2016) afirma:

A imagem foi um serviço sobrenatural, caracterizado pelo primeiro período histórico ocidental catalogado, desde a sistematização da crítica até a grande intervenção de Gutenberg. A Igreja medieval deu um processo às instalações da arte greco-romana da imagem fantasmagórica da cidade. Da autonomia da iconologia à arte, a imagem é transferida do altar para o museu, tornando-se objeto de culto para contemplação. O avanço da técnica, então, um terceiro momento de relação com as imagens: a partir da popularização da transmissão televisiva I cores na década de 1960, chegamos à era atual do vídeo. (p. 214)

Em geral, a palavra coisa aqui nomeia tudo o que é simplesmente nada. Nesse sentido, a ciência também é uma coisa, na medida em que é em geral um determinado ser, no entanto, esse conceito de coisa não nos ajuda em nada, pelo menos imediatamente, em nosso propósito de delimitar o ser da coisa, tendo em vista o modo de ser da ciência.

O cognitivo é o que pertence ou está relacionado ao conhecimento. Este, por sua vez, é o acúmulo de informações que estão disponíveis graças a um processo de aprendizagem ou à experiência e percepções do mundo ao redor.

As percepções, a própria experiência, tem a necessidade de que as pessoas tenham a capacidade de contextualizar, ver e perceber o mundo ao seu redor, as interpretações são muitas e é claro que essas análises proporcionam o desenvolvimento da inteligência visual.

Para aprender é necessário entender e analisar a relação entre o futuro e o passado, também entenderemos todo o processo de aprendizagem, ou ser, ou ser um biógrafo de sua história.

3 Conclusão

As criações artísticas com o auxílio das novas tecnologias surgiu um meio de interdependência e que além de proporcionar entretenimento e lazer, também possibilita uma reflexão sobre o que se passa na atualidade, mas que tem a necessidade de um aguçamento da percepção visual perante as informações visuais.

Concluimos que aprender é uma mudança de comportamento, assimilação e informação com o sentido de aprender sem barreiras e limites importantes para a criatividade e disponibilidade de cada ser. O desenvolvimento de uma boa aprendizagem e integração dos aspectos: afetivos, físicos, emocionais, sociais e intelectuais do aprendiz, causando uma motivação interna e construtiva ou integral em todos os momentos. Para isso, o observador precisa de sensibilidade, vontade de compreendê-la e um certo conhecimento da história e da história da arte, para que possa compreender o contexto em que a obra foi produzida e relacionar-se com o seu próprio contexto.

Além disso, a arte ou o conhecimento artístico faz parte de todo o processo, indo desde a criação do artista até a compreensão e apreciação do observador.

Referências

- BENJAMIN, W. **Estética e sociologia da arte**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2017.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L & PM, 2019.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Construção Social da Realidade**. 24ª. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CANDELERO, N. Arte y Ciencia. De la precisión en el hacer. **Ciencias Sociales y Humanidades**, Rosario, Novembro 2011.
- CANDELERO, N. De las obras que hacen. El camino de la materia, a la conciencia. **III Jornadas “Imágenes de la urbe: flujos culturales y políticas cotidianas”**, Rosario, 05 Septiembre 2013. 01-16.
- CANDELERO, N. Arte y Religión. La transformación ‘moderna’. **Ciencias Sociales y Humanidades**, Rosario, 2016.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ELIAS, N. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ELIAS, N. **O processo Civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. Volume 1, 1987 - 1990.
- FEBRE, M. Fazer de sua vida uma obra. **Educação em revista**, p. 347-368, 2011.
- FILHO, P. P. Reflexões sobre o Brasil e os desafios Pan-Amazônicos. **Revista brasileira de política internacional**, Brasília, v. 56, p. 94-111, Março 2013. ISSN 0034-7329.
- GENTILETTI, M. G. **El pensamiento creador en la enseñanza**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2017.
- MATOS, G. C. G. D. Norbert Elias em debate: usos e possibilidades de pesquisa. **Norbert Elias para o pensamento social e a compreensão da gênese do processo civilizador ocidental na Amazônia/Amazonas**, Ponta Grossa, 2020. 480-508.
- NORBERT ELIAS, E. D. **A busca da excitação**. Portugal: Difel, 1922.
- TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas-sp: Editora da Unicamp, 2010.
- VIEIRA, M. P. Arte, artista e processo civilizador – um leitura da formação das tradições estéticas no

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Civilizatório, Pana – Amazônia, Técnica, Percepção